

ENTREVISTA

Entrevistador: Leandro Augusto Pires Gonçalves

Entrevistada: Hesio de Albuquerque Cordeiro

Iniciada às 12:03 horas do dia 10/04/2014

Esta entrevista foi recuperada após quase 3 anos. Aconteceu em ocasião das comemorações de 40 anos da pós-graduação do IMS/UERJ, quando se tinha a ideia de construir uma “linha do tempo” do Instituto. A ideia não se consumou, mas Hesio autorizou o uso da entrevista para a minha Tese de doutorado. A entrevista aconteceu na UNATI.

Tempo de entrevista: 02h 06min 00seg.

[Após diálogo curto, que durou por volta de cinco minutos, em que me apresentei e expliquei o motivo da entrevista, Hesio começou a falar sobre sua prática clínica, quando esteve junto à Piquet Carneiro]:

[HC¹] Eu era clínico, eu tinha feito clínica médica com o Piquet Carneiro. A minha primeira visita domiciliar foi no morro do Borel. O paciente tinha internado na enfermaria e o Piquet introduziu essa coisa da visita domiciliar; nem se falava nessa coisa, mas o Piquet tinha ido aos EUA e tinha visto alguma coisa do cuidado com as famílias. Ele introduziu isso e o meu primeiro paciente era um paciente que tinha uma queixa principal de

¹ HC: Hesio Cordeiro.

‘arrancamento’ e ‘esquentamento’, ele ficava todo vermelho, tinha uma reação cutânea muito esquisita, não consegui identificar o que era. E aí a primeira atividade que nós fizemos, foi visitar a família desse paciente lá no morro do Borel.

[LG²] E nesse tempo não se falava em medicina comunitária... era uma ideia do Piquet Carneiro?

[HC] Ideia do Piquet.

[LG] E a prática médica, nesse tempo, ela era tão específica quanto é hoje em dia? Essa ideia do Piquet Carneiro não era tão incomum, naquela época?

[HC] A clínica médica não tinha tanta tecnologia incorporada. Atualmente tem muito, com a evolução do conhecimento, evoluiu também no sentido de absorver muita tecnologia, alguma tecnologia até desnecessária. Mas o Piquet sempre se preocupou muito com esse aspecto humanista da prática médica e, lógico, isso custou algumas coisas... na época do golpe militar, em 64, ele respondeu a um inquérito policial militar, porque os militares acharam que ele tinha estimulado a utilização de armas, o depósito de armas no centro acadêmico. E eu acompanhei muito essa história porque eu estava fazendo residência nessa época, R1, e o Piquet me convenceu a ir para os EUA fazer um *fellow ship* por lá. Aí, poucos dias antes de eu viajar, fui chamado a responder aos militares, que no fundo queriam implicar o Piquet Carneiro, dizendo que ele teria estimulado o presidente do Centro Acadêmico a utilizar armas nos assaltos a banco.

[LG] Então, sobre essa viagem para os EUA, ela aconteceu no final da década de 60, não foi?

² Leandro Gonçalves.

[HC] Foi em junho de 70. Fui para o Kentucky, um lugar muito pouco conhecido, mas que tinha um bom curso de medicina lá. Era a primeira vez que se introduzia o ensino das Ciências sociais e das ciências do comportamento humano na saúde.

[LG] *No contexto da medicina preventiva, né?*

[HC] Isso, exatamente. Era o departamento de medicina preventiva e ciências sociais.

[LG] *E que impacto essa viagem teve para o senhor, para o seu pensamento?*

[HC] Fortaleceu tudo o que eu tinha feito na UERJ, com o Piquet Carneiro. Lógico que era uma prática diferente, toda baseada nas ciências do comportamento humano, era uma coisa toda contaminada pelo pensamento funcionalista... e a gente vivenciava muito o materialismo histórico, o marxismo... e lá nos EUA foi uma outra visão, uma visão *behaviorista*, muito centrada na doutrina do funcionalismo teórico, que era a corrente dessa faculdade de medicina que eu frequentei.

[LG] *Essa experiência foi importante para o senhor ver como, de alguma maneira, se institucionalizava e se articulava as ciências sociais e a medicina?*

[HC] Isso.

[LG] *Mas o senhor tratou de corromper esse behaviorismo...*

[HC] E havia uma pessoa na Organização Pan-americana de Saúde [OPAS], o Juan Cesar Garcia, que tinha uma formação marxista, tinha feito um curso de ciências sociais no Chile, na *Flexor* do Chile, uma espécie de instituição latino americana de ciências sociais. E o Juan Cesar Garcia que introduziu,

no ensino da medicina, o ensino das ciências sociais, com todas as correntes possíveis e imagináveis, funcionalistas e marxistas.

[LG] A influência do Juan Cesar Garcia só chegou ao senhor após sua experiência nos EUA?

[HC] Não, um pouquinho antes... na realidade foi em Campinas. Na época o Sérgio Arouca e a Anamaria Tambellini trabalhavam lá e o Juan Cesar Garcia tinha ido fazer um Seminário. A primeira vez que tive contato com eles foi nesse seminário em Campinas.

[LG] Nessa época o senhor era clínico, ainda? Então o pensamento reformador da saúde pública já estava em curso e o senhor já estava próximo?

[HC] Isso.

[LG] E quem eram as pessoas chaves, nesse momento, que o senhor tinha como referência?

[HC] Era o Piquet Carneiro, o Juan Cesar Garcia, o Sérgio Arouca, que depois saiu de Campinas e veio para a Fiocruz. A Cecília Donnangelo. Por influência do Juan Cesar Garcia a gente organizou o primeiro mestrado no IMS, em 71/72. Eu estive na primeira turma de mestrado do Instituto.

[LG] E o Juan Cesar Garcia era o coordenador?

[HC] Não, ele era o funcionário da OPAS, era a pessoa que mandava artigos, que fazia reuniões, vinha fazer seminários conosco. Ele colaborou com a formação do mestrado em Medicina social. Depois que fiz o mestrado, fui fazer o doutorado com a Cecília Donnangelo em São Paulo. E a Cecília era uma professora que tinha uma influência muito grande da linha marxista,

também. Ela tinha sido aluna do Luis Pereira, que tá morto, e que era um sociólogo da USP que a influenciava muito.

[LG] Eu pude ler em outra entrevista sua (publicada no Cebes) que a PUC Rio foi importante no início do Instituto, né?

[HC] Foi também... porque da PUC a gente trouxe a Madel Luz e o Roberto Machado, eu fui lá convidá-los. O Roberto Machado era um filósofo e era a primeira vez que um filósofo se incorporava à prática da medicina social. E o Roberto Machado influenciou muito o nosso contato com Michel Foucault. A vinda do Foucault ao Rio e à UERJ foi influenciada por ele.

[LG] E isso foi ainda no início da década de 70, antes do Instituto se vincular como um programa de pós-graduação, antes de 74?

[HC] A Madel e o Roberto Machado vieram em 72, por aí. A gente tinha convidado a professora Eliana Levy, que era chefe do departamento de sociologia da PUC, e ela não pôde vir, então ela indicou os dois.

[LG] Vou aproveitar para retomar alguns pontos do que conversamos: em 70 o senhor vai para os EUA; nessa época, não havia a ideia de se criar um instituto relacionado à Saúde Pública na UERJ?

[HC] Foi exatamente nesse ano que se criou o instituto.

[LG] O senhor teve influência sobre essa criação?

[HC] Não, eu estava indo para os EUA.

[LG] Mas o debate sobre a criação já acontecia antes do senhor ir?

[HC] Já.

[LG] E o senhor participou deste debate?

[HC] Participei através dos seminários que o Juan Cesar Garcia organizava, especialmente em Campinas, em 69. Depois ele me convidou para fazer alguns seminários com ele na América Latina. O primeiro foi no Equador, em Cuenca. Foi aí que eu conheci uma pessoa que também me influenciou, o Miguel Marquez. O Miguel era um equatoriano que nessa época era professor de Medicina.

[LG] O senhor, então, trouxe isso para as discussões sobre a construção do instituto? O senhor já era um protagonista?

[HC] Tiveram importância fundamental, nesta época, a Nina Pereira Nunes, o Juan Cesar Garcia, eu mesmo... o Moyses Szklo, que era um epidemiólogo e foi fazer o mestrado e o doutorado na Johns Hopkins.

[LG] A Nina cuidou das coisas quando o senhor foi para o EUA, ela teve dentro da constituição do instituto?

[HC] Isso.

[LG] Além dela, quem mais levou à frente essa institucionalização?

[HC] O Nelson Moraes, que tinha sido presidente da fundação Sesp, estava aposentado e, à convite do Piquet Carneiro, passou a dirigir o IMS.

[LG] Mas... vocês faziam parte do mesmo grupo?

[HC] Não. Ele era um liberal progressista, sem a formação marxista.

[LG] Então, professor... em setenta se constitui o instituto. O mestrado começa quando?

[HC] Em 72.

[LG] Quem eram os formadores, nesse momento?

[HC] O próprio Nelson Moraes, Ernani Braga, ambos ex-funcionários do ministério da saúde. Foi o Ernani Braga que trouxe o primeiro convênio com a fundação Kellogg. Mario Chaves era um dentista que tinha boa formação em Recursos Humanos em Saúde, tem vários livros publicados.

[LG] Quem fez os convites a esses “formadores”?

[HC] O próprio Piquet Carneiro. Depois o Piquet divergiu do Ernani Braga, porque o Ernani era a favor do controle de natalidade e o Piquet, católico, era contrário. Divergência superada.

[LG] O Piquet Carneiro e o Nelson Moraes foram as pessoas centrais para a construção do Instituto?

[HC] Isso.

[LG] Em 72, então, o senhor vai até a PUC e convida algumas pessoas...

[HC] A Madel Luz, o Roberto Machado.

[LG] E como foi essa negociação, que tipo de mensagem o senhor levou para convencê-los a tratar da Saúde?

[HC] Que era um campo novo para a incorporação das ciências sociais. Primeiro propusemos que eles viessem fazer parte, experimentalmente, de algumas disciplinas, eles não faziam parte do nosso curso. Vieram como professores extraquadro, sem vínculo empregatício com a UERJ. Eram pagos por essas verbas de convênio, que nós tínhamos. Depois, com a consolidação do curso, chamamos a Maria Andrea Loyola, e as duas ficaram.

[LG] O Roberto Machado ficou por quanto tempo?

[HC] Por uns dois anos. Depois preferiu voltar à PUC.

[LG] Isso é muito interessante... hoje, com o campo da Saúde Coletiva constituído, a gente imagina que o diálogo possa acontecer. Mas fico imaginando os assuntos que rolaram para convencê-los que Saúde se combinava à Filosofia e às Ciências Sociais...

[HC] Nessa época era difícil imaginar isso...

[LG] O senhor conhecia-os pessoalmente?

[HC] Não os conhecia. A Helena Lewin, que eu também não conhecia, era chefe das Ciências Sociais da PUC, eu a convidei para ajudar a montar o curso e aí ela apresentou a Madel e o Roberto Machado.

[LG] E porque foram até a PUC?

[HC] Era pelo conhecimento que tínhamos do trabalho da Helena Lewin, as coisas que ela escrevia.

[LG] No período de 70 a 74, foi um período difícil para a Instituição se manter?

[HC] A dificuldade maior era financeira, a gente vivia de convênios, como aquele da fundação Kellogg em torno do controle da natalidade...

[LG] Vocês precisavam dizer a eles coisas que não faziam... a prestação de contas não parecia muito correta (risos)...

[HC] O Ernani Braga era o mais controlista. Mas, vivenciando essas contradições entre as partes, fomos consolidando o Instituto.

[LG] E o papel da OPS, do Juan Cesar Garcia?

[HC] Foi fundamental em termos da concepção teórica do mestrado de Medicina Social, de não termos disciplinas isoladas, de conseguirmos articular tudo. Em termos de pesquisa também: ele realizou uma pesquisa sobre o ensino da Medicina Social na América Latina, ele chegou a publicar um livro com o resultado dessa pesquisa. E também em termos pessoais, digo em relação a mim, por conta dos seminários que ele organizou pela América Latina e que pude participar. Eu era uma espécie de “caixeiro viajante” do Juan Cesar Garcia.

[LG] Foi, então, uma figura fundamental?

[HC] Foi, em termos de concepção teórica da Medicina Social e da incorporação das ciências sociais na área da saúde.

[LG] Em termos institucionais, o Piquet Carneiro foi a figura central; com relação ao pensamento, a inspiração foi o Juan Cesar. É isso?

[HC] Isso.

[LG] Nesse período, você foi aos Estados Unidos e viu o pensamento behaviorista tomar conta da medicina comunitária. Contudo, por aqui, não foi esse pensamento o que foi incorporado à nossa instituição. Por aqui se foi em busca de Marx e Foucault. O senhor tem alguma coisa a ver com tal busca?

[HC] Sim, muito influenciado pelo Moyses Szklo. Ele, que era excelente médico e epidemiólogo, conhecia muito do materialismo histórico. O primeiro contato que tive com o materialismo histórico foi no cursinho do Moyses Szklo, na faculdade de medicina ainda. Lembro-me bem que, naquela época, ele morava na rua Prado Junior e, com o golpe, eu, ele e o Fernando Szklo, seu irmão, organizamos esse cursinho.

[LG] Era sediado no Centro Acadêmico?

[HC] Não, era algo mais intimista. À propósito, eu fui presidente do centro acadêmico, entre 63 e 64. Na época, o jornal Correio da Manhã noticiou o resultado das eleições no centro acadêmico como a primeira vitória da democracia depois do golpe militar.

[LG] Voltando a sua relação com o Moyses, vocês estavam muito juntos naquela época. Vocês foram aos EUA e o Piquet Carneiro criou o Instituto. O Instituto, quando nasceu, já tinha a cara da Saúde Coletiva que o senhor concebia, incorporava as ciências sociais? O Piquet tinha alguma proximidade com essa concepção?

[HC] Ele tinha a convicção que era preciso superar aquele modelo higienista, da escola dos antigos professores, do Bandeira de Melo, um higienista típico. Como aluno, eu detestava as aulas dele. O Piquet também era muito crítico em relação a ele.

[LG] Quando o senhor voltou, o Instituto já estava dividido em três áreas: epidemiologia, planejamento e ciências do comportamento humano. Essa divisão foi pensada por quem fundou o Instituto? A sua influência se dá após essa fundação?

[HC] Sim.

[LG] Com relação ao Jurandir, quando ele chega ao Instituto?

[HC] Ele chegou por volta de 74, 75, ele chegou da França, era psiquiatra e tinha ido fazer um curso lá. Quando ele voltou, a Nina o encontrou e o convidou a se incorporar ao instituto.

[LG] Parece-me que a admiração foi o critério para a escolha do corpo docente, rs

[HC] É... (risos)

[LG] Quando chega o Joel Birman?

[HC] O Joel Birman era psiquiatra e tinha um vínculo com a Psiquiatria da Uerj. Lá havia um professor chamado Eustáquio Portela Nunes e o Joel trabalhava com ele. O Joel, muito amigo do Jurandir, estava insatisfeito com a Psiquiatria hospitalar, então o convidamos também. Isso foi entre 74 e 76.

[LG] Por que as minhas perguntas circulam pelo Joel e pelo Jurandir: tenho imensa curiosidade de saber como a psicanálise se tornou tão forte aqui, como ganhou tanto destaque...

[HC] E ainda chegou o Benilton.

[LG] Mas o Benilton já foi formado aqui, não?

[HC] Foi.

[LG] O que quero saber é o porquê o Behaviorismo não tomou conta por aqui também, como nos EUA. Quero saber o porquê de vocês convocarem psicanalistas para tratar das ciências do comportamento humano?

[HC] No curso de graduação da Medicina tinha uma disciplina, que ainda existe, intitulada com esse nome, “ciências do comportamento humano”. Ela era dada em conjunto conosco, pela psiquiatria; lá estava o Eustáquio Portela como chefe e aqui, o Nelson Moraes. Neste contexto, incorporamos o Joel e o Jurandir à disciplina, que fora imaginada pelo Piquet.

[LG] A psicanálise era o que estava disponível ou foi uma opção de vocês, para agregar ao pensamento da Saúde Coletiva?

[HC] Foi pela influência do Eustáquio Portela. Ele era um psicanalista muito conhecido, famoso no núcleo psiquiátrico do Rio de Janeiro. Foi pela influência dele que incorporamos a psicanálise naquela disciplina.

[LG] É interessante que o Joel e o Jurandir também incorporaram as ciências sociais ao seu pensamento.

[HC] E junto com a Madel reforçaram a incorporação das ciências humanas na saúde. O livro da Madel “As instituições médicas no Brasil” foi essencial para fortalecer esta incorporação na Saúde Coletiva.

[LG] O que o senhor sugere que tenha possibilitado a esse grupo ter coesão, foi a resistência ao regime militar?

[HC] Uma preocupação nossa era ir além das políticas públicas do país, apesar de provocarmos influência sobre elas. A ideia do Sistema Único de

Saúde emergiu em um trabalho que eu, o Reinaldo Guimarães e o José Luis Fiori fizemos, “A questão democrática na Saúde”.

[LG] Há quem diga que ele foi escrito numa mesa de bar, né? (risos)

[HC] Foi, aqui no bar do Botafogo. (risos)

[LG] E nesse grupo tinham filósofos, psicanalistas, economistas, alguns Argentinos foragidos também, não é?

[HC] É, tinha o Chorny, que agora é professor da Fiocruz. O Mario Testa, que tinha uma grande influência sobre nós. Ele veio e ficou como professor visitante por um ano no IMS.

[LG] Essas vindas foram mediadas pelo Juan Cesar Garcia?

[LG] O Juan Cesar teve uma influência grande, embora ele tivesse alguma divergência com o Mario Testa, pois ele considerava que o Testa não era marxista. E o Chorny era funcionalista, um matemático. Mas como eles estavam sendo perseguidos pelo governo ditatorial Argentino, buscaram refúgio por aqui. Isso foi por volta de 72.

[LG] Esse grupo de 72, que formou a primeira turma, você poderia me dar os nomes?

[HC] Eu era aluno. A Nina Pereira Nunes era professora, ela tinha feito Saúde Pública no Chile. A Madel Luz ainda estava na transição entre a PUC e a UERJ, ela estava recebendo uma bolsa através daqueles convênios que nós tínhamos, assim como o Roberto Machado. O Jurandir também participou. O Chorny e o Testa também.

[LG] E eles eram professores do Instituto, exclusivamente?

[HC] Eram.

[LG] O Nelson Moraes era o único epidemiólogo nessa época?

[HC] Era, não tinha mais ninguém. Aliás, um ótimo professor de epidemiologia...

[LG] Sistematizando: eram Nina, Nelson Moraes, Madel, Roberto Machado, Jurandir, Mario Testa e Chorny. Esqueci alguém?

[LG] Tinha ainda o Chaim Katz, um psicanalista, que era muito amigo da Madel.

[LG] Posso deduzir que você teve alguma participação na escolha dos seus professores? (risos)

[HC] (risos) Eu era professor e aluno.

[LG] E o senhor era orientando de quem, na época?

[HC] Eu era orientando da Madel. Depois a Madel foi minha co-orientadora no doutorado com a Cecília Donnangelo. Outro dia eu encontrei um recado que a Cecília tinha enviado à Madel agradecendo pelo trabalho dela em relação à co-orientação.

[LG] Que diálogo incrível! (risos)

[HC] O mais triste foi o acidente que a Cecília sofreu, cerca de um ano depois da minha conclusão do doutorado. Ela e o marido bateram de carro na São Paulo-Santos e os dois morreram.

[LG] A Cecília Donnangelo e o Sérgio Arouca também estavam em interlocução com o Juan Cesar Garcia?

[HC] A Cecília Donnangelo foi muito influenciada pelo Luis Pereira, professor e cientista social da USP. O Sérgio já tinha tido a influência do Garcia.

[LG] O Juan Cesar Garcia seria a figura central para analisar o desenvolvimento da Saúde Coletiva?

[HC] Certamente. É importante que, de início, o Juan Cesar estava empolgado com a experiência de Campinas, com o Sérgio Arouca. Aí a nossa discussão com o Juan Cesar e com a OPS de trazer o mestrado para o IMS, por que, à princípio, ele era para ser sediado na Unicamp.

[LG] Vocês atravessaram o caminho da Unicamp, então?

[HC] Foi, quase que rompemos com a Unicamp. Depois o Sérgio Arouca teve uma briga interna na Unicamp e acabou vindo para a Fiocruz. A gente tentou trazê-lo para o IMS, mas ele prestou concurso para a Fiocruz e acabou optando por lá.

[LG] E depois acabou dando o nome para a Escola Nacional...

[HC] É isso aí.

[LG] O que aconteceu em 74 que garantiu a institucionalização plena do IMS? Porque existe um “antes de 74” e um “depois de 74”?

[HC] Em 74 houve a consolidação das linhas de pesquisa com o apoio da FINEP, que era um órgão vinculado ao ministério de ciência e tecnologia. Foi com este apoio que conseguimos fazer a pesquisa da Madel, sobre as Instituições Médicas, a da Maria Andrea, sobre medicina popular na baixada fluminense, e a minha, sobre a indústria farmacêutica no Brasil e consumo de medicamentos. Naquele momento eu estava envolvido com consumo de medicamentos. Havia um projeto grande da OPS na América Latina, coordenado pelo Juan Cesar Garcia, sobre o assunto. Eu fiz a parte Brasileira.

[LG] “A indústria da saúde no Brasil”, não é isso?

[HC] Isso, essa linha de pesquisa teve uma influencia grande do Juan Cesar, também.

[LG] O contato com o Foucault, quando da visita dele à UERJ, teve alguma influência sobre a sua pesquisa? Digo isso porque vi relações entre a sua obra e, particularmente, um texto dele, intitulado “A crise da Medicina ou da Anti-medicina”.

[HC] Sim, teve. Muito do Foucault e também do Ivan Illich.

[LG] Eu vi no texto do Foucault rastros do que o senhor viria a chamar de Complexo Médico Industrial.

[HC] Tem, realmente. Isso.

[LG] Também tenho a impressão que as conferências do Foucault tiveram relevância sobre outras linhas de pesquisa do Instituto, como que as forjando.

[HC] Especialmente pela Madel, pelo Roberto Machado e pelo Jurandir. Sobre as conferências, tentei ver com um antigo fotógrafo aqui da UERJ se ele ainda tinha alguma coisa, mas não consegui nada.

[LG] As conferências aconteceram onde?

[HC] Foram feitas no auditório do hospital Pedro Ernesto, tinham, pelo menos, umas cinquenta pessoas por lá.

[LG] Houve debates interessantes?

[HC] Sim, muitos. Ele interagia com muita sagacidade, era rápido nas respostas. Depois, quando da visita do Ivan Illich, houve um fato curioso: ele chegou com dor de dente e, com todas as reservas que tinha sobre a medicina, tivemos que encaminhá-lo para o setor de odontologia, recém-criado no Hospital (risos).

[LG] Quando ele esteve aqui?

[HC] Dois anos depois do Foucault.

[LG] E como vocês conseguiam financiamento para trazer esses grandes nomes?

[HC] Tudo pela OPS, com a mediação do Juan Cesar.

[LG] A sua amizade com ele tinha alguma influencia? (risos)

[HC] Tinha... (risos)

[LG] Mas ele também apoiava a ida destes intelectuais a outros lugares do Brasil?

[HC] Eu não lembro deles terem ido a outros lugares não, acho que foi só na UERJ.

[LG] O senhor disse que o mestrado devia ter aportado na Unicamp, mas veio para cá por influência do Juan Cesar. Ele teve influencia sobre a escolha dos professores, vocês tiveram que prestar contas a ele sobre a construção do curso?

[HC] Não, apenas atualizá-lo sobre as pesquisas que estávamos fazendo, encaminhando nossas publicações a ele.

[LG] Ele deu total carta branca a vocês?

[HC] Total.

[LG] Em 74 a pós-graduação ainda era em medicina social, ou era, já, em Saúde Coletiva?

[HC] Até 74 era em Medicina Social. Denominação que o Piquet tinha dado.

[LG] Nessa época já se falava em Saúde Coletiva?

[HC] Sim, já se falava.

[LG] Antes, então, do encontro de 78, de construção da ABRASCO?

[HC] Sim. E falávamos da “questão democrática na saúde”, foi nele que apareceu, pela primeira vez, outro termo importante: Sistema Único de Saúde.

[LG] Em uma entrevista, o [Jairnilson] Paim diz sobre um trabalho da Cecilia Donnangelo que já tematizava algo que vocês materializaram naquele documento. Ela influenciou vocês?

[HC] Sim, especialmente a Tese de doutorado dela, na USP: “O médico e seu mercado de trabalho”. E eu tinha outro livro, acho que eu perdi...

[LG] É nele que ela começa a falar em regionalização?

[HC] Sim, é nesse livro.

[LG] E ela foi fundamental para o senhor pensar essas coisas?

[HC] Sim, foi. “Médico e seu mercado de trabalho” foi fundamental, foi a primeira vez que se discutiu a questão da autonomia da Medicina. A prática médica autônoma estava sendo substituída pela prática assalariada.

[LG] A Lilia Schraiber seguiu nessa linha....

[HC] Isso, exatamente.

[LG] De 74 para a frente, que professores foram chegando, através de quem? Qual a sua participação neste período?

[HC] A partir daí, a minha participação é maior pois eu já tinha o mestrado feito, inclusive no recrutamento de professores para o Instituto. Um exemplo é a Jane Sayd, que tinha feito residência médica em Medicina Social e veio, se tornou professora do Instituto. O ex-marido dela também, o Jaime Oliveira, colaborou muito com o curso e se tornou professor da Fiocruz, passou num concurso por lá e preferiu ficar. A Maria Andrea continuou, o Roberto Machado saiu. Madel continuava... Fiori continuava... O Fiori era

meio que uma mistura de economista com cientista social. Depois ele se aposentou e ficou só na UFRJ, como professor da Economia de lá.

[LG] Na Epidemiologia, chegou alguém importante, neste período?

[HC] O Eduardo Faerstein, que era marido da Nilcea Freire, e que esteve no exílio no México. Uma vez que estive no México, fui visitá-lo por lá, conversei muito com ele e o convidei para que, quando voltasse ao Brasil, voltasse para o IMS. Acho que ele voltou no comecinho da década de 80.

[

LG] Nessa época, a Epidemiologia era algo como um “calcanhar de Achilles” do Instituto?

[HC] Sim, era. O Moyses Szklo, que era o epidemiologista mais experiente e envolvido, tinha optado em ficar na *Jonhs Hopkins*.

[LG] Vai ser o Eduardo que vai começar o movimento de reconstrução da Epidemiologia do Instituto?

[HC] É, creio que sim. Primeiro o Eduardo, depois é que veio o resto.

[LG] Se comenta no Instituto que houve uma época em que se desenvolveu a Epidemiologia Social por lá. Quem eram as pessoas envolvidas?

[HC] Uma era a Ana Maria Tambellini. O Arouca e ela passaram pelo Instituto. Ele preferiu a Fiocruz e ela ficou algum tempo conosco. Não como professora concursada, foi contratada por convênios.

[LG] Na Epidemiologia, quem teve maior protagonismo na construção do corpo docente? Quem foi a figura central?

[HC] A influencia foi, um pouco a distância, do Moyses Szklo. Mesmo em Hopkins, ele estava sempre em contato conosco.

[LG] Quem o senhor me indicaria para falar mais especificamente sobre a Epidemiologia no Instituto?

[HC] A Claudia Moraes é uma pessoa bem importante. A Claudia e o Michael [Reichenheim], são as pessoas que mais publicam na Epidemiologia, hoje. São bastante responsáveis pelo bom conceito que o Instituto tem hoje, à nota 7 que a CAPES atribuiu ao Instituto.

[LG] Bom você ter entrado nesse assunto: o que você acha desse conceito, a que caminhos ele leva o Instituto?

[HC] Acho que o Instituto perdeu, um pouco, o compromisso com a formulação de políticas públicas de saúde. Está muito centrado na ênfase quantitativista da Epidemiologia. Embora sejam pessoas e pesquisadores excelentes, eu acho que o Instituto perdeu um pouco da importância na formulação de propostas de Políticas de Saúde.

[LG] Você acha que isso é exclusivo ao Instituto, ou é algo que atinge a Saúde Coletiva, como um todo?

[HC] Talvez seja algo que atinja a Saúde Coletiva, em geral.

[LG] Hoje eu vejo apenas o Instituto de Saúde Coletiva da UFBA exercendo esse papel de influencia, tráfegando pela gestão...

[HC] Especialmente o Paim. O Naomar [Almeida Filho] foi Reitor da UFBA, agora está no Sul da Bahia. E tinha um epidemiólogo importante, o

Sebastião [Loureiro], que era de uma linha quantitativista, mas que flertava com o pensamento marxista, com a esquerda.

[LG] Vamos agora para os Ministérios: quando é que você assume o INAMPS?

[HC] Eu fui para o INAMPS em 85. O PMDB do Rio – na época eu era vinculado ao PMDB, eu estava no movimento de Saúde do partido – propôs ao Waldir Pires que me convidasse para a presidência do INAMPS. Então, o Waldir Pires me convidou para o INAMPS; convidou para o IAPAS [Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social] um economista de Santa Catarina e convidou ainda o Arthur Virgílio, pai do atual prefeito de Manaus, hoje um opositor ferrenho da Dilma. Ele convidou nós 3 em Março e só fui nomeado em 20 de Maio, quando o Waldir Pires ameaçou o Sarney: ele mesmo renunciaria ao Ministério se o presidente não nos nomeasse.

[LG] O seu vínculo com o Waldir Pires era muito forte?

[HC] Estava começando a ter um vínculo mais intenso. Ficou ainda mais intenso depois que ele saiu do Ministério: um ano depois ele saiu para se candidatar a governador da Bahia. Ele foi eleito e o substituto dele foi o Raphael de Almeida Magalhães, que manteve a mesma estrutura da Previdência Social e dos Institutos que faziam parte, não demitiu as pessoas.

[LG] Entre 74 e 85 você permaneceu no Insituto formando pessoas, quadros? Neste período, esteve em alguma outra instituição?

[HC] Não, nunca saí da UERJ. Só havia as consultorias da OPS, que me convidava com muita frequência.

[LG] As suas articulações políticas sempre foram por dentro do PMDB?

[HC] Sim, no PMDB, sob a influencia do Moyses Szklo, que nos ofereceu a base no materialismo histórico e que era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 71, 72 também passamos pelo PCB, por influência dele, que não era propriamente um militante, era mais um teórico, formulava conceitos e trabalhava as bases conceituais do marxismo. Tínhamos uma espécie de dupla militância, no PCB – partido considerado ilegal – e no PMDB. Não deixei de participar do PCB.

[LG] O Eduardo Levcovitz chega quando ao Instituto?

[HC] Acho que foi na segunda ou terceira turma do mestrado... Outra pessoa especial...

[LG] Vocês convidavam as pessoas para fazerem parte do curso?

[HC] Sim... O Mario Dal Poz foi outra pessoa que, desde a época de estudante de medicina, foi monitor do Instituto e se tornou professor; depois foi para a OMS, ficou em Genebra por um tempo e agora está de volta. Além de ser tricolor, como eu [risos nossos]...

[LG] Vocês tinham essas relações com os partidos e formavam pessoal de esquerda...

[HC] Tínhamos essa relação, mas ela não era muito determinante para nós, não... Nós sempre defendemos que o Instituto fosse multipartidário...

[LG] De esquerda?

[HC] Sim, de esquerda, mas não necessariamente comunistas.

[LG] As pessoas que faziam o mestrado no IMS eram pessoas militantes, que vocês conheciam das lutas?

[HC] Sim, isso... Foi muito mais pelo Movimento Sanitário que pelas questões político-ideológicas...

[LG] E vocês buscavam essas pessoas? Como era a questão do concurso?

[HC] Nós buscávamos, também. A questão do concurso é mais recente. Aliás, sobre os nossos concursos para professor, passamos a década de 70 sem contrato. Eu mesmo, tinha contrato com a UERJ, mas como clínico. Depois que fui dispensado da clínica, passei a ter um vínculo de 10 horas semanais com o Instituto [risos nossos]... Eu ficava o dia inteiro aqui! [risos nossos] E a origem física do IMS era o departamento de parasitologia. O chefe da parasitologia, o Salazar³ - que era uma pessoa muito boa, muito positiva, que também acumulava a chefia do laboratório do hospital -, ele nos abrigou, nos concedeu um espaçozinho na parasitologia para que o IMS funcionasse. Isso era no Hospital, num *prediozinho* atrás do Pedro Ernesto, onde hoje são dadas as cadeiras básicas das ciências médicas. Depois, nós viemos para o campus, para o pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, ali mais próximo ao Maracanã. Ficamos abrigados ali por 2 ou 3 anos. Depois, finalmente, passamos para cá.

[LG] Como vocês conseguiram trazer o IMS para a UERJ? [risos meus]

[HC] Isso eu não sei...

[LG] É melhor nem saber [risos nossos]...

³ Não foi possível conferir o nome referido pelo Hesio.

[HC] A passagem para o prédio atual tem a ver com o fato de termos crescido, a nossa pós-graduação. O espaço era pequeno, no *Haroldinho*, então preferimos, por questões físicas, vir para cá, depois que construíram o prédio principal da UERJ.

[LG] Sobre a sua participação político/institucional, primeiro você dirigiu o INAMPS e o destruiu por dentro, dando as condições para a emergência do SUS. E você tomou gosto por cargos de direção...

[HC] Isso é desde pequenino... Há algum tempo atrás, eu encontrei, em casa, um jornalzinho que nós fizemos no primeiro ou segundo ano do Colégio Militar – o meu pai era militar, “lacerdista” ferrenho, nós tínhamos muitas discussões... Ele era contrário ao João Goulart. No golpe de 64, eu estava contra o golpe e ele inteiramente a favor. Depois, o próprio Lacerda ficou contra o regime, até foi cassado... Meu pai era militar, veterinário e médico, também. Um bom médico, os pacientes o adoravam, porque ele fazia parto e outras coisas, na zona norte da cidade, no Cachambi. Com 62 anos ele teve um câncer no intestino e faleceu. A minha mãe é viva até hoje, tem 96 anos, e mora na minha casa... Então, voltando ao jornalzinho, um jornalzinho com artigos produzidos por crianças e eu escrevi um texto em apoio ao Getúlio Vargas. Eu era getulista: “trabalhadores de todo o Brasil: uni-vos!” [risos dele] Desde os 10 anos de idade eu tinha essa aptidão.

[LG] Você rompeu com o Getúlio, em algum momento?

[HC] Não, nunca rompi [risos meus]... Acompanhei o velório, fui ao enterro dele.

[LG] Então ele foi uma figura marcante para você?

[HC] Sim, foi, o Getúlio foi. E o meu pai sempre foi contra o Getúlio...

[LG] Politicamente, você vê a sua trajetória próxima a do Getúlio?

[HC] Com relação a política social, sim. Em relação à própria constituição da Previdência Social. O Getúlio foi quem unificou os Institutos de Aposentadorias e Pensões [IAPs], o que depois veio a ser o Instituto Nacional de Previdência Social [INPS]... Eu o admirava pelo compromisso que ele tinha com os trabalhadores e com as políticas sociais, especialmente em relação à previdência e à saúde. Isso tudo tem muita relação com o Getúlio.

[LG] Quando você foi para o INAMPS, como foi deixar o Instituto? Junto contigo foram muitas pessoas, que também foram para outros lugares...

[HC] Quem me estimulou muito foi o Reinaldo Guimarães. Ele disse: “você tem que aceitar o convite e articular para o PMDB te apoiar”... O pai do Reinaldo tinha sido cassado naquele “massacre de Manguinhos”... Ele foi pesquisador em Manguinhos e foi cassado naquele episódio, na Fiocruz. Na ocasião, o Reinaldo estava fazendo a Residência médica aqui, conosco... Ele e o Zé Noronha [José Carvalho de Noronha]. O Zé Noronha era clínico, queria fazer clínica médica e nefrologia no Paraná e ir para a Inglaterra. Eu lembro bem de um episódio: eu o encontrei quando ele estava indo para a Inglaterra e lhe falei: “você está indo para a Inglaterra, mas, quando voltar, venha para o IMS” [risos nossos]...

[LG] Você queria botar todo mundo aqui dentro [risos nossos]... E ele votou para cá, né?

[HC] Voltou... Atualmente ele está na Fiocruz, também. Na ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública].

[LG] Como ficou o Instituto no período da saída de vocês?

[HC] Foi absorvendo outras pessoas, foi crescendo e consolidando as suas publicações, até chegar a uma avaliação acadêmica muito positiva, pela CAPES, em relação à Pós-graduação.

[LG] Quando vocês saíram, houve alguma preocupação em manter alguma estrutura para o Instituto continuar funcionando?

[HC] Essa saída foi um pouco atrapalhada, não foi muito pensada... Em relação a mim, o Reinaldo insistiu muito para que eu assumisse a presidência do INAMPS, pelo trabalho que nós fazíamos no movimento de saúde do PMDB. O Reinaldo também era do “partidão” [PCB]. Nós militamos, oficialmente, no PMDB. Então, ele insistia muito que eu aceitasse essa indicação do movimento de saúde do PMDB para assumir o INAMPS...

[LG] O que aconteceu quando você voltou do INAMPS?

[HC] Quando voltei, me lançaram para candidato a Reitor da UERJ. Eu já tinha sido eleito uma vez, em 83, a primeira vez que o Brizola foi eleito no Rio de Janeiro. O Brizola preferiu não me escolher. Por eu ter muita vinculação com o PMDB e com o Miro Teixeira, ele achou que eu ia acabar o traindo. Então, ele indicou o Charley Fayal de Lyra, que era Diretor da Odontologia e tinha um sítio que o Brizola frequentava muito, em Teresópolis. O Fayal foi nomeado e um ou dois anos depois o Brizola rompeu com ele [risos dele]. Alguns anos depois o Miro Teixeira foi para o PDT e eu continuava no PMDB. Houve uma movimentação grande dos estudantes da UERJ contra a decisão do Brizola, fizeram, até, manifestação no palácio Guanabara contra a nomeação do Fayal.

Já a segunda eleição foi em 92, coincidiu com o segundo governo do Brizola e eu fui eleito de novo. Dessa vez, o Brizola me nomeou, sob a

influencia do Waldir Pires, que estava filiado ao PDT – depois ele veio a se afastar do PDT e hoje está vinculado ao PT, é vereador em Salvador. O Brizola fez questão de vir com todo o secretariado e deputados do PDT à capela ecumênica fazer a minha posse. Após a posse, o Brizola disse: “Tá aí: aquele outro, que nomeei no seu lugar da primeira vez, nem veio”, “sim, o professor Fayal é uma boa pessoa, eu sou muito amigo do professor Fayal”... Neste dia estava o Brizola e o Darcy Ribeiro, também, que era o Vice-governador e secretário de educação. Quem me deu muito apoio foi o Cibilis Viana, que era o secretário de Fazenda e era quem liberava os recursos que nós precisávamos para a UERJ. Inclusive, até hoje eu passo pelos corredores e funcionários que eu nem conheço vêm falar comigo...

[LG] Sim, eu vejo [risos nossos]...

[HC] “O senhor foi o melhor Reitor que a gente teve!”

[LG] Lá no IMS mesmo, todo mundo fala...

[HC] O Zé Carlos, o Augusto... Mas eu sou inesquecível porque a liberação de recursos dependia do Cibilis Viana, que era muito amigo meu. O Brizola nem se intrometia nisso, só não vetava. Mas era o Cibilis Viana que liberava os recursos. Foram os melhores salários que a UERJ já pagou...

[LG] Depois congelou, né?

[HC] Depois veio o Marcello Alencar e congelou [risos nossos]... Até hoje está congelado...

[LG] O problema hoje da UERJ é que o salário está muito associado à “produtividade”. Um professor sem Prociência recebe muito mal...

[HC] Sobre o Prociência, foi criado na minha gestão, pelo Pró-reitor de pesquisa, o Roberto Bezerra. Ele é do Instituto de Biologia e foi Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa. Foi ele quem instituiu o Prociência. Na época, a UERJ pagava bons salários e ainda tinha um percentual adicional do Prociência.

[LG] Em algum momento, a sua relação com o IMS voltou a ser tão intensa quanto era antes?

[HC] Mantive a mesma atuação...

[LG] Em nenhum momento você esteve ausente do IMS...

[HC] Não, nunca estive... Teve um período que teve uma greve dos profissionais de saúde, por questões salariais. Na época, houve uma manifestação contrária ao presidente do INAMPS, o Hesio. Porque, à época, as pessoas confundiam o presidente do INAMPS com a pessoa, confundiam o pessoal com questões institucionais. E aí, houve uma vaia grande... Isso foi no Maracanazinho, houve uma reunião com eles por lá e eu fiz questão de vir... Fui intensamente vaiado [risos dele]... Foi o pior sentimento que eu já tive... Achei-me injustiçado pelo movimento popular, que eu tanto defendia...

[LG] Você fica no IMS até quando, como professor?

[HC] Quando eu saí da Reitoria, a Elisa, que tinha trabalhado comigo no INAMPS e que veio para cá, me aconselhou a, pelo ganho salarial da UERJ e pela minha progressão como Reitor, me aposentar dois anos depois que saí da Reitoria. Ela deixou todo o processo encaminhado e me aposentei em 98.

[LG] Mas, ainda assim, você não saiu do IMS, não é?

[HC] Não... Inclusive, agora estou voltando como professor visitante [risos dele]...

[LG] Vai ser uma honra para nós. Agora, falando um pouco da minha angústia, no momento em que o Instituto está tão às voltas com a excelência acadêmica, a memória acaba se perdendo. Claro, quando nós paramos para conversar com alguns professores mais antigos, ou mesmo com aqueles mais bam-bam-bans da produção, eles conhecem a história, inclusive louvam os feitos de vocês... Mas não se fala dessa memória no cotidiano do Instituto, das aulas e produções. Estas entrevistas têm o intuito de apresentar uma narrativa, algo que sirva de referência... Ainda mais neste momento... Outro dia vi uma conferência do Paim em que ele falava da perda de sentido para os que comungam da Saúde Coletiva... Ele falava em “restauração” da Saúde Pública, perguntava pelos valores que compartilhávamos, pelo ideal emancipatório que cultivávamos... Onde estão essas referências no que fazemos hoje em dia?

[HC] O Jairnilson é muito bom! Sempre traz um conjunto de reflexões importantes. Aliás, a grande contribuição do Jairnilson é no aspecto da formulação e da crítica ao pensamento positivista. E o Jairnilson nunca foi filiado a partido nenhum! Sempre foi independente [risos dele]...

[LG] Professor, estamos caminhando para o fim da entrevista. Você gostaria de falar alguma coisa em especial?

[HC] Acho que a ideia de vocês é muito importante, cultivar a memória do Instituto. O outro André, o Rios, que tinha sido meu aluno, fez concurso e se incorporou ao Instituto, ele é uma pessoa muito importante neste aspecto... Ele começou a recuperar a memória da passagem do Foucault e depois estendeu a todo o IMS, da importância do Instituto para a Saúde Coletiva. É fundamental esse trabalho que vocês estão fazendo.

[LG] Vou tentar entrevistar a Nina, também. Você acha que é possível?

[HC] A Nina anda num momento complicado... depois do falecimento da mãe dela, a Nina está muito deprimida, quase não sai de casa... seria difícil.

[LG] Devo entrevistar a Jane Sayd, em breve, o Eduardo Faerstein...

[HC] E a Nilcea Freire, que atualmente é consultora da Fundação Ford... Acho que tenho o telefone dela...

[LG] Queria propor um exercício para você: dizer para mim 10 nomes que você considere essenciais na história do Instituto.

[HC] A Nilcea Freire, que era parasitologista e foi fazer o mestrado nas primeiras turmas do IMS... A Madel [Luz], a Maria Andrea [Loyola], o Jurandir [Freire], o Reinaldo Guimarães, o Noronha, o Fiori, se você conseguir localizar ele... O Fiori teve uma participação importante. O Fiori, no início, tinha muita dificuldade em dar aula, em falar... Já escrevia muito bem. Depois se tornou muito eloquente, liberou todo o potencial [risos dele]...

[LG] O Paulo Henrique Rodrigues me disse que assistiu o curso dele 5 vezes [risos nossos]... Temos 7 nomes, faltam 3...

[HC] A Jane Sayd também...

[LG] Você acha interessante eu entrevistar o Moyses Szklo?

[HC] Sim, o Moyses também... O Moyses é o precursor dos precursores. Se você conseguir localiza-lo, ele está nos EUA, mas ele está frequentemente na UFRJ... Eu não tenho mais o telefone dele. Mas talvez eu tenha do irmão dele...

[LG] Professor, falta o último. Não vale Hesio Cordeiro [risos nossos]... Da Epidemiologia, você sugeriria alguém?

[HC] A Claudia [Leite Moraes]... Ela tem uma boa perspectiva, inclusive política...

[LG] Como você vê o futuro do Instituto?

[HC] Acho que o Instituto tem que se dedicar mais a revisão das políticas de saúde. O próprio Sistema Único de Saúde foi muito contaminado com a questão das OSs [Organizações Sociais], com as formas de privatização da gestão... Uma pessoa, que não é daqui mas de Minas Gerais, que foi muito importante para o Instituto, como influência externa, foi o Saraiva Felipe. Ele é deputado federal pelo PMDB e já foi secretário de saúde de Minas Gerais.

[LG] A influência dele vem em que contexto?

[HC] Uma influencia muito grande pelo trabalho que ele realizou em Montes Claros. Pela questão do Internato rural... ele teve uma influência muito grande na questão do Internato rural, que o Regazzi - que esteve na Secretaria de Ciência e Tecnologia e tem vínculo com o IMS – estabeleceu a primeira turma do Internato rural que a UERJ teve, em Resende. E o Regazzi foi muito influenciado por essa experiência do Saraiva Felipe lá em Montes Claros, que foi um campo de aplicação prática da faculdade de medicina de Belo Horizonte, da UFMG.

[LG] Que foi uma experiência pioneira para pensar a regionalização, a atenção primária...

[HC] Isso... Sobre regionalização, tinha um argentino, já falecido – eu encontrei a mulher dele na saída de um cinema, a Susana Badin -, esqueci o nome dele... Foi contemporâneo do Mario Testa, mas eles não se davam muito bem não⁴... Tem o Chorny, também, mas esse você acha com facilidade, lá na ENSP...

[LG] Eu o conheço, já o entrevistei... na entrevista ele ficou reclamando de você, que você é muito conciliador [risos nossos]....

[HC] Acho que o Chorny fazia parte da esquerda revolucionária argentina, ele era bem militante...

[LG] Ele ainda tem esse espírito, tá combativo até hoje. Eu o encontrei no comitê de campanha de um candidato de esquerda à prefeitura do Rio de Janeiro, foi assim que o conheci melhor...

[HC] O Chorny era um anti-proibista ferrenho, muito militante, muito atuante!

[LG] Você falou que ele está na ENSP... aproveito para lhe fazer uma outra pergunta: como foi a relação com a Fiocruz? Tranquila?

[HC] Não, sempre foi muito conflitante! A nossa visão, no IMS, sempre foi contrária à visão sanitaria, à visão tradicional da Saúde Pública, que era muito influenciada pelo higienismo... Na época de fundação do Instituto, a Fiocruz ainda era muito vinculada a essa ideia sanitaria...

[LG] O Sergio Arouca foi para lá com que intuito?

[HC] De modificar essa visão...

⁴ Provavelmente, trata-se do Mario Hamilton.

[LG] Depois que ele chegou lá, a relação melhorou?

[HC] Continuou conflituosa, mas não por essa questão teórica... Mais pela disputa de poder. O Sergio Arouca era uma pessoa muito sedenta por poder... e o pessoal daqui do Instituto, especialmente eu, o Reinaldo Guimarães e o Fiori, tínhamos muitas críticas as formas de atuação do Arouca, em termos de espaço de poder...

[LG] Essa tensão ainda permanece?

[HC] Sim, isso.

[LG] O Instituto se mantém muito crítico e a Fiocruz sem manter muito...

[HC] Oficialista...

[LG] Mas os dois muito distantes dos espaços de poder, hoje...

[HC] É...

[LG] Um parece muito próximo ao governo, o outro muito próximo às ideias... Mas muito distantes das disputas... Isso que eu vi aqui na UNATI, os velhinhos no corredor, não vou ver nunca no IMS... Nem usuário de serviço de saúde, nem conselheiro de saúde... Mesmo o militante da Saúde é raro...

[HC] Essa é uma coisa que o Instituto perdeu, essa ideia da militância, da formação política... Não no sentido ideológico, mas no sentido da formulação das políticas de saúde....

[LG] Como você vê a divisão por áreas de concentração, no Instituto?

[HC] Acho que há um risco grande de compartimentalizar, de especializar a própria Saúde Coletiva. Epidemiólogo só pensa epidemiologia, enquanto outros temas, como políticas de saúde, recursos humanos, ficam de lado... Não se integram as Ciências Sociais...

[LG] Esse processo de compartimentalização está avançando, então?

[HC] Sim.

[LG] Tem um outro ponto o qual tenho muita curiosidade: o Instituto se desvinculou da Faculdade de Medicina, em algum momento. Porque essa ruptura?

[HC] A origem deste movimento todo do Instituto partiu de uma ruptura da antiga disciplina de Higiene, isso gerou a criação do IMS, que passou a ter muita atuação na faculdade de Medicina a partir do Piquet Carneiro. A própria história do Instituto começa com as visitas domiciliares que fazíamos no Borel. E aí, acho que vai se afastando pelo excesso de especialização do Instituto, foi se afastando do ensino médico para o ensino dos profissionais de saúde, em geral. Teve um momento que nós nos preocupamos com a parte da Saúde da enfermagem, da odontologia e da nutrição, cursos que se vincularam ao IMS. A especialização, que não sei precisar exatamente quando começou, nos afastou das atividades voltadas para o ensino médico. Cada vez que nos dedicávamos mais à Pós-graduação, mais nos afastávamos do ensino médico.

[LG] Até determinado tempo, era preciso ser médico para fazer mestrado no IMS. Você lembra exatamente quando deixou de ser obrigatório ser médico? Foi um processo conflituoso?

[HC] Não me lembro exatamente... Essa desvinculação, bem ou mal, já começou quando chegaram a Madel Luz, o Fiori... Bem ou mal já estávamos rompendo...

[LG] Mas a ideia inicial de vocês também era produzir renovação na própria Medicina, não?

[HC] Mas não só com médicos... Também com economistas, cientistas sociais, psicólogos...

[LG] Mas que estes sujeitos produzissem conhecimento que retornasse para a Medicina, para influenciar a educação médica, não?

[HC] Sim, também... A nossa atuação em relação à educação médica era muito intensa. A participação na Associação Brasileira de Educação Médica, na ABEM, era grande. Eu era residente e já era secretário executivo da ABEM. Essa vinculação ao ensino médico sempre foi muito intensa. Depois, com a especialização do Instituto ele foi se afastando dessas preocupações...

[LG] E hoje tem um vínculo muito tênue com a educação médica...

[HC] Sim, é verdade...

[LG] Bem, professor, muito obrigado pela entrevista!

[HC] Qualquer coisa, você pode me achar por aqui...

[LG] Vou tirar muitas dúvidas ainda! [risos nossos]